

EUA COMETEM ASSASSINATO PERFEITO EM CABUL

Por M.K. Bhadrakumar*



Ayman al-Zawahiri, à esquerda, conversa com Osama bin Laden (CNN/Getty Images).

A teatralidade do ataque aéreo de 31 de julho em Cabul – ao menos momentaneamente –, distraiu a atenção da imagem miserável que Biden desenhava para si mesmo como um presidente americano fraco e ineficaz.

O nze dias após o dramático [anúncio](#) do presidente dos EUA, Joe Biden, em 1º de agosto, sobre o assassinato do emir da Al Qaeda, Ayman al-Zawahiri, Moscou quebrou o silêncio. Dez dias atrás, a porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da Rússia, Maria Zakharova, respondeu a uma pergunta de que Moscou ainda não “obteve os detalhes” sobre o que aconteceu em 31 de julho.

Revisitando o tópico durante a [coletiva de imprensa](#) do ministério de 11 de agosto, em resposta a uma pergunta de acompanhamento, o vice-porta-voz Ivan Nechayev declarou: “Não nos comprometemos a confirmar a autenticidade (‘dostovernost’ – достоверность) sobre a destruição em Cabul em 31 de julho este ano como resultado de um ataque de drone do líder da Al-Qaeda, Al-Zawahiri”.

Sem dúvida, esta é uma declaração russa muito cuidadosamente redigida que se concentra na confiabilidade da versão de Biden. De fato, Biden escapou impune desde que fez o anúncio da Casa Branca sem responder a perguntas da mídia.

Nechayev apontou que “Washington não ofereceu ao público nenhuma evidência da eliminação deste terrorista”. E ele apenas tomou nota dos relatos da mídia de que o prédio de apartamentos atingido pelos americanos em Cabul pertencia ao “clã Haqqani”.

No entanto, curiosamente, Nechayev disse que algumas “primeiras conclusões podem ser tiradas” com base nos comentários oficiais das autoridades em Cabul – a saber, “que eles não têm informações sobre a estadia de A. Zawahiri na capital afegã”.

A Rússia tradicionalmente mantém um sistema de inteligência robusto trabalhando no Afeganistão fornecendo informações em tempo real para Moscou, inclusive durante o governo do Talibã de 1996 a 2001, quando a embaixada e os consulados russos permaneceram fechados.

De fato, fontes russas estavam muito à frente de outras ao compartilhar os detalhes da evacuação apressada da anterior evacuação de Ashraf Ghani de Cabul em 15 de agosto do ano passado em meio à chegada caótica do Talibã na cidade (Ghani aparentemente optou por ocultar até mesmo de seu vice-presidente e superespião escolhido a dedo, Amrullah Saleh, que estava fugindo com sua esposa e então conselheiro de segurança nacional Hamdullah Mohib).

Portanto, é uma suposição razoável que Nechayev provavelmente falou sobre o que os especialistas em segurança chamariam de “necessidade de saber”. Isso faz com que seus comentários duvidando da autenticidade dos comentários de Biden sejam verdadeiramente surpreendentes. É o mesmo que dizer que Moscou recebeu relatórios conflitantes! (Curiosamente, a *Tass* [destacou as observações](#) de Nechayev em uma reportagem especial na semana passada).

No entanto, Nechayev mergulhou a faca mais fundo e levantou algumas questões muito pertinentes neste estranho caso de assassinato sem provas. Ele comentou que “tais ações agressivas da Força Aérea dos EUA, que invadiu o território soberano do Afeganistão, levantam uma série de questões sérias”. Nechayev fez duas perguntas: “Por exemplo, quem forneceu o espaço aéreo para o ataque aéreo em Cabul? Quem será responsável em caso de baixas civis colaterais durante tais ações?”

São de fato grandes questões. O Afeganistão compartilha fronteiras com apenas seis países – Irã, Turcomenistão, Uzbequistão, Tadjiquistão, China e Paquistão. É uma aposta segura que Irã, Turcomenistão, Uzbequistão e China não teriam se envolvido em um ato tão assassino dos americanos em violação do direito internacional e da Carta da ONU. Quanto ao Tadjiquistão, seu espaço aéreo está sob controle russo. Isso deixa o Paquistão como o único culpado plausível.

Talvez o governo Biden se recuse a fornecer “evidências” por medo de colocar Rawalpindi em uma situação difícil em um momento em que o chefe do exército em exercício é um ativo estratégico para Washington? Não há respostas fáceis. Tudo o que sabemos é que o atual chefe do exército, general Bajwa, é conhecido por ter um papel ativo em todas as questões principais e na maioria das questões menores nas relações Paquistão-EUA.

Ele até procurou Wendy Sherman, a vice-secretária de Estado dos EUA, [pedindo sua intervenção](#) junto ao FMI para liberar a parcela pendente do resgate financeiro para o Paquistão.

Significativamente, Nechayev fez alusão à “tentativas de usar uma ameaça real para encobrir suas próprias ambições geopolíticas (dos EUA). Ele concluiu: “Washington, a julgar por este incidente, prefere agir como bem entender, seguindo estritamente seus benefícios de política externa, independentemente do direito internacional e da soberania nacional de outros estados”.

Quais poderiam ser os “benefícios da política externa” aqui? Há três maneiras de olhar para a questão. Em primeiro lugar, Biden aprimora sua imagem como líder decisivo quando seu comportamento público incoerente em várias ocasiões ultimamente passou a ser amplamente notado nos EUA e no exterior. De fato, os comentários de Biden em 1º de agosto foram salpicados por grandes quantidades de autoelogios, levando o crédito pela decapitação da temida Al-Qaeda. Ele se projetou como um presidente “prático”.

Em segundo lugar, os EUA criaram um precedente com este ato de 31 de julho – ressaltando sua prerrogativa de agir como bem entender no Afeganistão. Simplificando, o Rubicão foi cruzado e o poderio militar dos EUA “retornou” ao Afeganistão, agora que Washington afirma que a Al-Qaeda é muito ativa no país.

Claro, é um golpe humilhante para o Talibã, cuja “resistência” de duas décadas foi toda para recuperar a soberania do Afeganistão. Além disso, a porta está firmemente fechada para qualquer envolvimento EUA-Talibã em um futuro próximo, agora que Washington não precisa olhar além disso para alegar um nexo contínuo entre o Talibã e a Al Qaeda.

Logicamente, os EUA podem até justificar a união de mãos com o Reino Unido (e a França) para estender o apoio à rebelião armada dos Panjshiris contra o Talibã. O Talibã enfrenta um movimento de pinça dos militares paquistaneses e do governo Biden em um momento em que, ironicamente, seu melhor apoiador, Imran Khan, também está sendo sistematicamente neutralizado pelo governo civil em Islamabad e pelos chamados “poderes constituídos”.

É claro que manter o Afeganistão em turbulência serviria aos interesses dos EUA e da OTAN na atual conjuntura, quando a Rússia, provedora de segurança para a Ásia Central, está preocupada com o conflito na Ucrânia e a China está pensando na reunificação de Taiwan.

Terceiro, o momento: Biden atacou quando restavam apenas cerca de 24 horas para o avião da presidente da Câmara, Nancy Pelosi, aterrissar em Taipé. A ficção que Washington propagou no sentido de que o governo não tinha controle sobre a *speaker* foi, ironicamente, um bumerangue, mostrando Biden como um fraco comandante-chefe que não podia nem mesmo ordenar que um avião militar mudasse de direção.

Basta dizer que a teatralidade do ataque aéreo de 31 de julho em Cabul pelo menos momentaneamente distraiu a atenção da imagem miserável que Biden desenhou para si mesmo como um POTUS fraco e ineficaz.

A parte mais interessante é que, juntamente com os comentários de Nechayev em Moscou, a embaixada russa em Washington desde então manifestou apoio a um

grupo de mais de 70 economistas dos Estados Unidos e de outros países com um apelo para descongelar todas as reservas internacionais do Banco Central do Afeganistão, em um apelo de 10 de agosto [publicado pelo Center for Economic and Policy Research](#) (Centro de Pesquisa Econômica e Política), a principal rede de Pesquisadores de Política Econômica da Europa.

A embaixada russa diz: “Apoiamos totalmente este apelo. Consideramos inaceitável a situação em que as autoridades americanas retêm ilegalmente recursos financeiros pertencentes ao povo afegão. Ao mesmo tempo, acreditamos que sua barganha com Cabul sobre as condições para alocar metade do valor é cínica... As ações de Washington estão exacerbando o sofrimento de afegãos inocentes...”

Moscou implica que o alibi de um suposto nexos Talibã-Al-Qaeda para bloquear o engajamento com o Talibã pelos estados regionais é inaceitável. Em resumo, a Rússia rejeita a versão americana do assassinato em Cabul como comprovação de qualquer coisa.

Em suma, isso realmente se torna “um assassinato perfeito”, digno de ser uma sequência do *thriller* policial de Michael Douglas e Gwyneth Paltrow sobre um assassinato que não deixou pistas para rastrear os autores. A propósito, o agradável filme de 1998 também teve dois finais alternativos no lançamento original do disco *blu-ray*. O espectador tinha a liberdade de escolher qual versão achava mais agradável.

Publicado no [Indian Punchline](#).

***M.K. Bhadrakumar** foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afeganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.
